

# humanitas



Vol. LXII  
2010

**Sófocles, *Antígona*.**  
**Teatro Nacional de São João, Porto. Encenação de Nuno Carinhas,**  
**tradução de Marta Várzeas**

Estreada a 26 de Março de 2010, e com espectáculos que se prolongaram até 23 de Abril (a que se seguiu um pequeno périplo por outras cidades: Viseu, Bragança e Viseu), esta nova encenação da intemporal *Antígona* sofocliana proporcionou a todos quantos tiveram o privilégio de a vivenciar uma experiência que ficará certamente como inesquecível. Antes de mais há a destacar a concepção cenográfica do encenador-cenógrafo Nuno Carinhas, que convenceu imediatamente pelo misto feliz de imponência e de realismo. O espectador tinha diante dos olhos uma Tebas de visual dir-se-ia “micénico”, enquadramento perfeito para o drama de um tragediógrafo ateniense que, por diversas vezes, recriou pela palavra poética a realidade psicológica de uma Tebas mítica onde cabem todos os confrontos entre o ser humano e si próprio. Murallas de inspiração ciclópica, cujas tonalidades cromáticas (ora cor de sangue, ora cor de terra) oscilavam ao sabor dos picos de emoção vividos em palco – eis o espaço cénico não isento de brutalidade, do qual, logo desde a sua entrada, se assenhoreia Creonte, personagem de maior relevo na encenação de Nuno Carinhas e extraordinariamente interpretada por António Durães. As velhas controvérsias, bem conhecidas dos helenistas, sobre quem será na peça a personagem a que Sófocles confere a primazia, conheceram (pelo menos temporariamente...) no palco do Teatro Nacional de São João uma solução convincente; e o autor destas linhas, pelo menos, deu por si a especular ao longo do espectáculo sobre as razões que teriam levado Sófocles a intitular a peça *Antígona* e não *Creonte*.

Numa encenação que evitou com mérito a leviandade de criar efeitos fáceis por meio de inovações gratuitas, não deixou de surpreender a opção de atribuir o papel de Tirésias a uma actriz (neste caso à excelente Emília Silvestre). Claro que a “biografia” mítica de Tirésias nos ensina que ele participou de ambas as naturezas, masculina e feminina, em diferentes momentos da sua vida, mas parece evidente para os leitores de Sófocles que, no *Rei Édipo* e na *Antígona*, o vidente se encontra numa fase do seu percurso de vida em que a sua natureza é inequivocamente masculina. Mais natural, apesar de tudo, se afigurou a solução de recorrer aos próprios actores dos papéis principais e secundários da peça para a formação do Coro (liderado pelo Corifeu Jorge Mota). Actores esses que estiveram ao nível dos dois desafios, coral e solístico, desde Maria do Céu Ribeiro e

Alexandra Gabriel (nos papéis de Antígona e Ismena, respectivamente), a Lígia Roque (Eurídice), Pedro Almendra (Segundo Mensageiro), José Eduardo Silva (Hémon), Paulo Freixinho (Guarda) e João Castro (Primeiro Mensageiro). Os louros da excelência interpretativa, no entanto, ficaram claramente nas mãos dos já referidos António Durães e Emília Silvestre.

O trabalho de luzes, da responsabilidade de Rui Simão, assim como os figurinos de Bernardo Monteiro (nem helénicos nem pós-modernos, simplesmente intemporais), foram mais-valias de um espectáculo impressionante na concretização visual. Mas, a par da encenação tão profunda quanto subtil de Nuno Carinhas, o factor que mais contribuiu para o êxito do espectáculo foi a brilhante tradução de Marta Várzeas, estudiosa de Sófocles com provas dadas, que se revelou uma tradutora de fina sensibilidade e de apurado bom gosto. O texto mereceria maior divulgação, pelo que se espera que possa vir a ser publicado.

FREDERICO LOURENÇO

## XII Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico

Decorre ainda, à data da redacção desta notícia, o XII Festival de Teatro de Tema Clássico, organizado pelo FESTEIA, em estreita colaboração com o Instituto de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (através da linha de investigação “Pragmática Teatral”) e com o Thíasos, grupo residente. Nesta edição, o Grupo *Thíasos*, além da comédia de Plauto *O Fulaninho de Cartago*, uma tradução e encenação de José Luís Brandão, que já vinha do ano anterior, apresentou, como novidade, o *Hipólito* de Eurípides, uma tradução de Frederico Lourenço, encenada por Carlos de Jesus, com direcção de actores de Cláudio Castro Filho. O *Thíasos* levou ainda à cena o recital *Anacreonteia: pintar com vinho as setas do Amor*, uma selecção de textos traduzidos por Carlos de Jesus e encenados por Lia Nunes.

Como já vem sendo costume, contámos com a presença de dois grupos estrangeiros. Na primeira parte do festival, virada mais para o público do ensino secundário, esteve presente *El Aedo Teatro* (Cádiz), que trouxe o *Prometeu Agrilhado* de Ésquilo e o *Truculento* de Plauto. Em Julho, tivemos connosco *Calatalifa* de Villaviciosa de Odón, que nos brindou com a *Electra* de Sófocles e o *Eunuco* de Terêncio. Quanto a outros grupos